

# Educomunicação como ensino de arte e cultura: reflexões sobre um projeto de videoaula para crianças

Marília Silva Martins Gidrão\*

Alice Fátima Martins\*\*

## Resumo

Este artigo discute a educomunicação em vista do ensino de artes visuais e as possibilidades dos recursos tecnológicos atuais nos processos de aprendizagem. Tem como base pesquisa desenvolvida por meio de produção audiovisual, com videoaulas e com a contextualização da cultura e da pedagogia, no que diz respeito aos processos de comunicação visual. A metodologia adotada é a pesquisa qualitativa com abordagem de tipo etnográfico. Os resultados apontam para o fato de que a educomunicação mostra-se como caminho relevante para o entendimento da mediação na educação com a cultura e o currículo, na formação do cidadão contemporâneo. Essa temática de estudo tem sido tratada no âmbito do ensino de artes, levando em conta as relações entre as mídias disponíveis e a subjetividade de cada sujeito. A interação intensa com as mídias digitais e televisivas, bem como com as instituições culturais, exercem influência significativa na formação dos educandos, imersos no processo de globalização, em dinâmicas complexas que ameaçam e ao mesmo tempo reforça as culturas identitárias, na construção de conhecimento e nos posicionamentos socioculturais.

**Palavras-chave:** educomunicação, cultura, ensino de artes visuais.

---

## Educommunication as the teaching of art and culture: reflections on a video class project for children

### Abstract

In this work, we present the results of a research about educommunication in connection with visual arts education and the possibilities of current technological resources in the learning process. This research involves an audiovisual production, videoclases, and a cultural and pedagogical contextualization in relation to the dynamics of visual communication. We worked with qualitative research based on ethnographic principles. The results point the educommunication as a relevant way to link education with culture and curriculum, in the process of formation of the contemporary citizens. Researchers who work with arts teaching

---

\* Estudante do curso de graduação, Artes Visuais/Licenciatura, na Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG). Bolsista de Pibic/Prolicen (UFG). E-mail: mariliagrande44@gmail.com.

\*\* Professora da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG), orientadora de Pibic/Prolicen, pesquisadora pela Fapeg, e Bolsista de Produtividade PQ2, pelo CNPq. E-mail: profalice2fm@gmail.com.

have studied this subject, based on the relations between the media and subjectivities. The intense interaction with digital media and TV, as well as cultural institutions, has great influence on students. They (we) are under the globalization process, in complex dynamics that, at the same time, threaten and give power to cultural identities, in the production of knowledge and the sociocultural positions.

**Keywords:** educommunication, culture, visual arts education.

---

## Introdução

O ensino de artes nestas últimas décadas tem passado por várias mudanças no que diz respeito aos currículos da educação escolar, no qual o ensino de arte está integrado. Em vista do desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação, e os cenários da globalização da economia, pautada pelo capitalismo e pelas sociedades de consumo, afirmar que, para esse ensino estar sintonizado com as demandas contemporâneas, se faz necessário pensar em novas abordagens metodológicas.

Desde os anos 1990, parte significativa das abordagens propostas, principalmente no âmbito do ensino de artes visuais, dialogam com as ideias de Ana Mae Barbosa (2001). Nessa pesquisa, além dessas referências, os fundamentos do ensino de artes visuais articulam-se às estratégias da educomunicação, conceituada inicialmente por Mariazinha Fusari (PENTEADO, 2001). Mais recentemente, outras abordagens têm sido apontadas, ampliando a natureza das visualidades circunscritas ao ensino, e discutindo como os novos aspectos visuais e tecnológicos podem modificar a compreensão dos conteúdos apresentados, assim levando a uma nova formulação temporal no que diz respeito às metodologias aplicadas para o ensino (MARTINS; TOURINHO, 2015; MARTINS; TOURINHO, 2014; MARTINS; TOURINHO; MARTINS A. F., 2013; MARTINS, A. F., 2014).

Embora as ideias de Martins e Tourinho exerçam importante papel nas discussões aqui propostas, sobretudo, para contextualizar as práticas metodológicas, resalto a relevância dos estudos de Mariazinha Fusari, nos anos 80 e 90, uma das pesquisadoras referenciais no que diz respeito às metodologias que enfatizam a interlocução dos recursos dos meios de comunicação no contexto educativo. Para este trabalho, essa interlocução se dá por meios dos processos tecnológicos.

A esse respeito, também Ana Mae Barbosa enfatiza:

Assim, a Arte apresenta-se passível de estudo e análise crítica, e também como peça de ação para o caminho da educomunicação. Contudo destaca-se a Arte Educação como sistematização do processo de educação do olhar dos sujeitos, investindo, contudo, na formação de cidadãos mais perceptivos, perspicazes e críticos ante aos subsídios intrincados pelos MCM. (...) [Destacam-se] soluções no ensino de Arte para solucionar a formação do olhar crítico do leitor, através da leitura de textos visuais, apoiando-se na semiótica greimasiana e na metodologia pedagógica da Proposta Triangular do Ensino da Arte: o apreciar, o fazer, o contextualizar. (BARBOSA, 2001, p. 2).

A educomunicação, portanto, pode ser entendida como o campo onde se estabelecem relações entre os processos de educação e os meios de comunicação disponíveis. As parcerias entre educação e comunicação não constituem novidade, sobretudo nas estratégias de educação a distância, desde o uso dos correios, às redes de televisão, chegando às possibilidades da rede mundial de computadores. Contudo, no âmbito do ensino de arte voltado às crianças, não são muitas as experiências sistematizadas, tomando-se em conta os parâmetros de escolarização propriamente ditos.

Tendo isso em vista, foi desenvolvido o projeto Escolart: videoaula da Flor, com o objetivo de articular referências do ensino de artes visuais voltado para crianças, veiculado por meio de vídeos disponibilizados na rede mundial de computadores. Para a realização dos vídeos foram articuladas informações sobre atividades e técnicas artísticas acessíveis para crianças, manifestações culturais locais, dentre outras informações.

Nesses termos, a videoaula é abordada como estratégia possível para o ensino de artes visuais. Essa proposta está vinculada diretamente a novas metodologias, incorporando elementos midiáticos das tecnologias de informação e comunicação. Em seu desenvolvimento, envolve temas e formas de aplicação de técnicas das práticas artísticas, buscando levar o aluno ou telespectador a avaliar atividades artísticas apresentadas, e também a contextualizar práticas artísticas e culturais em diferentes lugares da região: manifestações, costumes, matérias-primas e seus modos de uso. Nesse sentido, busco perceber como se dão as relações entre as referências locais da cultura com a cultura nacional, e mesmo a globalizada, conforme propõe Stuart Hall (2004).

A educação escolar deve se manter em sintonia com as questões da arte e da cultura. Atualmente, a indiscutível popularização do acesso à formação por meio da rede mundial de computadores, por meio das redes

sociais, sobretudo por parte das gerações mais jovens reverbera nas salas de aula e outros ambientes onde se desenvolvem aprendizagens das mais diversas. Nesse contexto, a videoaula comparece como um meio dinâmico de acesso à informação, tendo como veículo a internet e seus recursos, ferramentas, dinâmicas, as conexões e redes viabilizadas hoje em dia. Esse campo apresenta, portanto, afinidades com as demandas para o acesso à informação em uma sociedade cada vez mais tecnológica. A videoaula como meio de acesso à informação, fazendo uso das mídias digitais, atualmente tem sido amplamente utilizada por instituições de ensino de diversas naturezas, e pelos meios de comunicação em geral.

A videoaula foi uma das estratégias adotadas pelas instituições de ensino para ampliar o acesso à informação e à formação em regiões mais carentes, onde faltam aparelhos culturais, tais como museus, teatros, cinemas, bem como é precária a presença das escolas. Abordando conteúdos cada vez mais atuais, podemos ver exemplos de videoaulas em canais abertos das redes de televisão, com aulas de matemática e física, entre outras áreas do conhecimento, apresentados diariamente, em geral em horários programados na madrugada, viabilizando o acesso aos expectadores ativos nesse período.

A videoaula desenvolvida neste projeto foi de modelo *Web*. Este tipo de aula focaliza o conteúdo disponibilizado pela Internet, podendo ser convertido para CD ou DVD. José Manuel Moran, em *Aperfeiçoando os modelos de EAD existentes na formação de professores* observa que, no formato videoaula, “as aulas são produzidas em estúdio e vistas pelos alunos, individualmente ou reunidos em salas, com o acompanhamento de um professor orientador/tutor ou não” (MORAN, 2009, p. 287).

Durante o desenvolvimento do projeto, um dos desafios foi adequar a linguagem de modo a tornar claras as relações entre os referenciais identitários que integrariam o material audiovisual, do ponto de vista da cultura, tendo em vista o público alvo que, neste caso, são crianças entre oito e dez anos de idade. Tinha em vista, também, o necessário cuidado na relação de duração de tempo da videoaula, já que este público mantém a atenção por tempos mais curtos, sendo muito recorrente a dispersão. Ou seja, as dinâmicas de uma videoaula devem considerar que, além da incorporação dos recursos tecnológicos, é preciso também considerar os ritmos, as velocidades com que os costumes se modificam. As propostas educativas precisam atentar-se a esses aspectos de acordo com Adriane Camilo Costa e Alice Fátima Martins (2012, p. 190).

Na sociedade midiática, somos submetidos a uma invasão de privacidade cotidiana pelos meios de comunicação e informação, que forjam identidades sociais, sugerindo insidiosamente às pessoas conceitos daquilo que elas anseiam e almejam a ser, identidades visuais que tendem a ser consideradas como universais, estáveis e indispensáveis. Uma espécie de adestramento que consagra certas formas de falar, ver e estar no mundo. Um dos intuitos deste projeto é o de retroceder o manto da familiaridade e da evidência que rodeia a experiência da visão e torná-la num problema susceptível de ser analisado.

Diante desta afirmação, Costa e Martins (2012) ressaltam o fato de que o mundo está sendo cada dia mais imerso em questões relativas à mídia e à comunicação. As narrativas audiovisuais, ocupam os espaços da vida contemporânea em suas quantas atividades: entretenimento, informação, comunicação, publicidade, arte, formação, educação, etc. Desde muito cedo, as crianças relacionam-se com narrativas articuladas por meio de imagens em movimento, sonorizadas, apropriando-se tanto das informações por elas veiculadas, quanto dos modos como essas informações são apresentadas, em seus aspectos formais e técnicos, em suas dinâmicas. Ou seja, apropriam-se da forma e do conteúdo, construindo formas de conhecer a partir delas. Contudo, as instituições escolares ainda estão longe de reconhecer o potencial pedagógico das narrativas audiovisuais, e da afinidade entre sua natureza e o modo como as gerações mais jovens relacionam-se com o seu meio.

### **Videoaula e Educomunicação**

Familiaridade com as temáticas, linguagem dinâmica e lúdica, segurança e domínio dos assuntos, são aspectos que devem ser levados em conta na realização da videoaula, somando-se aos aspectos técnicos e tecnológicos da linguagem audiovisual.

Tanto a aula presencial quanto a videoaula apresentam desafios e requerem do professor um conjunto de elementos que contribuem para um processo bem sucedido ou para ampliar as dificuldades na comunicação. Do mesmo modo que o planejamento das aulas presenciais, para a videoaula, o planejamento deve ser traduzido na forma do roteiro, desenvolvido a partir do argumento central, tendo em vista os estudantes aos quais se destinam, e os recursos de que o professor dispõe para tratar da temática ou temáticas em questão. Assim, antes das gravações, o roteiro, as falas, as movimenta-

ções, as estratégias de gravação devem ser estudadas, do mesmo modo que o professor se prepara com antecedência para as aulas presenciais.

São várias as formas de apresentar conteúdos e preparar uma sequência para a filmagem. Além do roteiro, pode-se lançar mão do *storyboard*, que é o roteiro ilustrado. No caso deste projeto, a primeira etapa consistiu na pesquisa de campo, quando foram feitas as visitas ao local onde seria desenvolvido o tema. A partir dessas visitas, foram reconhecidos os ambientes, as possibilidades de organização das atividades, as estratégias a serem adotadas. O passo seguinte foi a definição da temática e do argumento. Quando a aula começou a ser gravada, o personagem central, cujo nome é Flor, conduziu as atividades, explicando e explorando o tema em questão. E para concluir a videoaula, um breve resumo do que foi apresentado para que a repetição deste possa deixar o conteúdo claro e de fácil entendimento.

### **O documentário como pesquisa de tipo etnográfica: Estudos culturais e Educomunicação**

Não só a história da arte, mas espaços populares de mediação artística cumprem papel central na vida cultural da comunidade. Assim, é proposta do projeto estimular a curiosidade das crianças sobre os centros culturais, pontos de cultura, e outros espaços de manifestação de arte e cultura de seus próprios contextos. Desse modo, é possível motivar o contato com diferentes referenciais culturais, com ênfase na diversidade de lugares e modos de expressão. Se, de um lado, é possível citar o artista Eliseu D'Ângelo Visconti (1866-1944), com obras datadas de 1920, retratando em seus quadros após a viagem feita à Europa, ressaltando a questão da luz tropical, para demonstrar as questões da luminosidade da região tropical do Brasil, ao mesmo tempo é possível buscar artistas locais e verificar como trabalham com a questão da luz, de que modo a representam em suas produções.

Para os estudos culturais, nenhuma prática ou representação é universal, nem pode ser compreendida fora do contexto em que é desenvolvida. Assim, as práticas, as manifestações ocorrem de acordo com circunstâncias específicas. Por isso mesmo, com base nos estudos culturais, as relações da cultura dão suporte ao currículo pedagógico como formas de aprendizado e relações de poder segundo (SILVA, 2010). Mais além dos currículos oficiais, explicitados, é possível pensar em currículos não oficiais entrelaçados à vida escolar, dos quais tomam parte, por exemplo, as mídias televisivas. Nelas,

agentes de cultura promovem aprendizagens das mais diversas, muitas vezes, concorrendo com o currículo escolar, noutras corroborando com suas orientações.

O desenvolvimento dessa noção de cultura tem importantes implicações curriculares. Embora Freire não desenvolva esse tema, o currículo tradicional – humanista, clássico – que dominou a educação dos grupos dominantes por um longo tempo, está baseado precisamente numa definição da cultura como o conjunto das obras de “excelência” produzidas no campo das artes visuais, da literatura, da música, do teatro, Mesmo que implicate, essa crítica do conceito de cultura permite a Paulo Freire desenvolver uma perspectiva curricular que, antecipando à influência posterior dos Estudos Culturais apaga as fronteiras entre currículo erudito e currículo popular. Essa ampliação do que constitui cultura permite que se veja a chamada “cultura popular” como um conhecimento que legitimamente deve fazer parte do currículo. (SILVA, 2010, p. 61).

Entendendo o currículo como um meio que indica os caminhos percorridos pelo sujeito para que ele chegue ao perfil desejado, posso dizer que a cultura de certo modo está entre os elementos que dão forma e perfil ao desenvolvimento curricular pedagógico. Se a cultura tem um papel essencial para este desenvolvimento pessoal do sujeito, a mesma também exerce um papel fundamental para a educação.

Diante da mídia e dos papéis da telecomunicação, faz-se entender também que a identidade cultural sofre influências e recebe marcas a partir do processo da globalização. A globalização não só oferece ameaças, mas pode também reforçar as culturas nacionais, para que sejam fortalecidas e reconhecidas nos processos de comunicação cultural. Assim ao citar a globalização como processo de descentralização das formas de poder cultural, Stuart Hall (2004) em sua pesquisa multicultural, define bem o perfil da identidade local com relação à cultura nacional, e como a globalização coloca estes dois perfis bem distantes. De certa forma, a cultura nacional define as diferenças das identidades nacionais, colocando essas diferenças em um plano que as transforma em uma única identidade, entendendo identidade nacional como uma forma particular de vínculo ou pertencimento cultural.

As culturas nacionais são uma forma definitivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades

mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas de formas subordinadas, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se torna, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais. (HALL, 2004, p. 49).

Assim, o desenvolvimento de videoaulas, neste projeto, envolve uma pesquisa de campo, de tipo etnográfico, com o registro em vídeo de informações sobre o campo, de natureza documental. A pesquisa tipo etnográfica, segundo Alice Fátima Martins, busca elementos e ferramentas da pesquisa etnográfica da tradição antropológica, no conjunto das estratégias para coleta de dados, neste caso, sobre as orientações curriculares e culturais de cada local estudado.

Diante do relatado, qualifico o estudo desenvolvido por mim como pesquisa qualitativa recortes da etnografia, ou seja, um estudo de tipo etnográfico. Sobre pretensões metodológicas, convém lembrar a figura da árvore da pesquisa qualitativa [...] para representar a estrutura e as ramificações da pesquisa qualitativa. As técnicas básicas de coleta de dados encontram-se na base da árvore, alimentam-na, dão-lhe sustentação. Os galhos representam as tantas possibilidades metodológicas na pesquisa qualitativa entre elas, a etnografia. Aos iniciantes, recomenda-se que busquem galhos muito altos já nas primeiras incursões no universo das pesquisas, para que sejam evitadas as quedas desastrosas.

A sabedoria popular, desde há muito, adverte que “mais alto o coqueiro, maior o tombo... do coco, afinal...”. (MARTINS A. F., 1997, p. 67).

Ou seja, na pesquisa de tipo etnográfica, a coleta de dados envolve pesquisa de campo, observação, entrevistas, análise de documento e registros históricos de cada instituição cultural. Difere da etnografia propriamente dita, pois não supõe a imersão do pesquisador no contexto onde desenvolve sua investigação.

Avançando um pouco mais, e abordando a educação como forma de comunicação, tomo a contribuição de Mariazinha Fusari para a pesquisa dos processos da educomunicação no ensino de artes no contexto escolar:

E era essa relação com a teoria – deleitura crítica, participante, construtiva, traduzível em práticas – e recriadora de teoria que ensinava aos seus alunos dos cursos de pós-graduação, como teve oportunidade



de acompanhar/testar/experimentar pessoalmente em dois cursos que ministramos em conjunto, sobre o tema “Dimensões comunicacionais da educação em sociedade de multimídia”. (PENTEADO, 2001, p. 15).

Os documentários são feitos com a pesquisa tipo etnográfica, que na prática, tem como característica principal o registro de dados institucionais, sendo eles, a data da inauguração, pesquisa do perfil da instituição cultural, seja ela museológica ou instituição de ensino e suas práticas e exercícios de função social.

Na primeira etapa, foram realizadas videoaulas no ambiente do Ponto de Cultura Catedral das Artes, construído e mantido pelo artista Noé Luiz da Mota, na cidade de Goiânia. Trata-se de um espaço singular, onde são realizadas exposições, reuniões de artistas, oficinas, onde funciona um cineclube, e são produzidos filmes e vídeos. Nele, o artista recebe estudantes da educação básica e do ensino superior, membros de instituições diversas, em suas várias programações. Assim, as videoaulas foram concebidas e realizadas em meio a essa efervescência do lugar. Na segunda etapa, está em curso o planejamento para a realização de videoaulas no Centro Livre de Artes localizado junto ao Museu de Arte de Goiás, também em Goiânia.

### **Mídias contemporâneas e o diálogo com a educação visual**

A realização da videoaula ESCOLART – VIDEOAULA DA FLOR, teve como proposta assegurar o acesso, de modo mais lúdico, a informações sobre trabalhos artísticos, lugares, técnicas, fazendo uso dos recursos da tecnologia digital, por meio da internet. Por mídias contemporâneas, entendem-se os meios disponíveis de veiculação de informação, nas formas textuais, imagéticas, verbais, audiovisuais. Tais mídias lançam mão amplamente de recursos visuais, o que gera uma demanda de inclusão, nos processos educativos, de estratégias para se estabelecer relações críticas e sensíveis com esses fluxos imagéticos, além das imagens chanceladas pelos sistemas da arte e sua história. No cenário de expoente desenvolvimento das tecnologias digitais da comunicação e informação, a rede mundial de computadores mostra-se como uma mídia potente, entrecruzada no cotidiano dos sujeitos contemporâneos, não podendo deixar de ser considerada nos projetos educativos. Nesses termos, este trabalho apoia-se, dentre outros, no artigo escrito por Andréa Bertoletti (2010), no qual aborda as relações entre as tecnologias digitais e

o ensino de arte. Em seu texto, a autora apresenta algumas reflexões sobre a necessidade do ensino/aprendizagem em artes, que vem se informatizando nas instituições de ensino público. E reitera o fato de que as tecnologias estão cada vez mais comuns no cotidiano da população brasileira, como parte de uma tendência global. A internet é posta como um item para mediação de pesquisa e coleta de dados. O convívio entre os projetos educativos, na escola, e a tecnologia digital requer o diálogo contínuo com a comunidade. A autora observa, ainda, que se a arte deve ser experimentada em relações de aproximação com a vida, as tecnologias digitais podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem por parte dos indivíduos, sejam os estudantes que frequentam as escolas, sejam suas famílias e demais membros da comunidade. O que inclui os professores e suas redes de relação.



**Figura 1** - Escolart – Videoaula da Flor. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCvYe2ji5Z3otl\\_W-HdqnLhA](https://www.youtube.com/channel/UCvYe2ji5Z3otl_W-HdqnLhA)>.

As mídias contemporâneas estão longe de configurar recursos explorados amplamente pelos projetos educacionais, na contramão de toda uma gama de aparatos tecnológicos disponíveis aos seus estudantes e suas narrativas. Por outro lado, programas veiculados nas redes de televisão e em plataformas da rede mundial de computadores anunciam conteúdos pedagógicos, com vistas a propiciar aprendizagens a crianças e jovens no campo das artes visuais. Em geral, são programas que misturam entretenimento com a apresentação de técnicas para construir pequenos objetos, brinquedos, colagens, de modo divertido. A realização de narrativas audiovisuais envolvem processos

e procedimentos que requerem informações, materiais, aparatos tecnológicos e processos de criação que podem lembrar modos diversificados de arranjo, guarda e manipulação de documentos, imagens de pessoas, objetos e pinturas.

“Tradicionalmente, há lugares de memória, em que se depositam objetos, pinturas, textos. Estes, ali guardados, deveriam ser preservados do esquecimento, podendo ser retomados toda vez que o olhar de alguém vier a iluminá-los, como quando ligamos os aparelhos e seus monitores de audiovisual, tais como a televisão” (COUTINHO, 2003) e outros, como aparelhos móveis, computadores, etc. Ao mesmo tempo, a observação de programas infantis tais como *Art Attack*, *Mister Maker*, entre outros, que sugerem a possibilidade de construção de aprendizagens significativas. *Art Attack* é um programa infantil, que lida com o ensino de arte de forma bem articulada e que produz ideias sobre criações de formas muito variadas, sejam elas por meio da reciclagem ou da formação da imagem com objetos. *Mister Maker* é também um programa infantil, que trata do imaginário e do poder de criação das crianças, mas de forma bem lúdica, tendo em vista que o apresentador leva sempre o programa com muito mais edições de imagem. Com vários quadros, que definem bem o roteiro a ser seguido, para que o raciocínio e a criatividade sempre estejam juntos durante a criação. A partir da interação com esse tipo de material, desde que, em sua concepção, busco articular relação com o meio, com o qual as crianças interagem: vídeos de curta duração, fundamentados nas reflexões da cultura visual, capaz de estimular a memória visual dos interlocutores.



**Figura 1** - Programa arte-educativo *Art Attack*. Disponível em: <[http://latam.lum.dolimg.com/v1/images/image\\_953c0642.jpeg](http://latam.lum.dolimg.com/v1/images/image_953c0642.jpeg)>.

Os referenciais de identidade e cultura integram as maneiras de apresentar as informações, orientando os modos de organização do roteiro, além dos conteúdos de artes visuais a serem abordados em cada videoaula.

Cada um desses valores está fortemente questionado pela tecnologia na escola, na aula e na universidade, já que a máquina para comunicar é algo mais que um acessório suplementar na aula. Ela questiona os princípios e os valores tradicionais do setor educativo. A profissão muda e, com ela, o prestígio antigamente vinculado à apropriação de uma saber o qual agora parece poder comprar-se em supermercados, como um jogo de vídeo, sob o mesmo suporte e na mesma prateleira. Tudo isto vem, pois, a desestabilizar, a perturbar a profissão (BACCEGA, 2002, p. 58).

Tendo em vista o proposto pela autora, posso dar ênfase em meu trabalho nas relações com a influência da televisão em meu cotidiano. Cresci assistindo a programas infantis. Hoje percebo o quanto eles contribuíram para minha formação. Dentre eles cito Castelo Ra-Tim-Bum, com uma programação variada de abordagens de ensino tanto na visualidade como na sonoridade. Ensina por meio da personagem Caipora, uma índia que ajudava as crianças do castelo ensinando-lhes sobre a natureza, contando histórias da floresta Amazônia. A Tia de Nino, que era vulgarmente chamada de bruxa, por seu conhecimento vasto com feitiços e remédios. O Tio Chico, que era apresentado com sua chegada por um relógio que falava enquanto Tio Chico se aproximava do castelo – O Tio Chico está chegando, o Tio Chico Chegou. Não posso me esquecer do canto dos pássaros. As cantoras vestidas de aves cantavam lindamente em coral e ensinava os sons de cada pássaro. E o mais inspirador de todos os professores, o quadro principal (Porque Sim, Não é resposta), na época assim que o personagem Pedrinho ficava perguntando o porquê de tudo e Nino com todos os amigos respondiam sem paciência – Porque sim, Pedrinho. Logo abria o quadro *Porque sim não é resposta*, com o apresentador Taz, no qual ele respondia cientificamente o porquê de todas as relações da física, química e biologia, para abrir horizontes e explicitar como e porque tudo tem uma devida explicação, e toda hora é hora de aprender. Castelo Ra-Tim-Bum, foi uma grande inspiração para que eu me interessasse não só por Arte, mas também pelo ensino infantil, e me motivou a pensar como a tecnologia traz novos horizontes de práticas de ensino, e como é possível aprender também fora da escola, por meio de outros instrumentos de ensino tais como a internet, televisão, rádio.

Nesses termos, inspirado nas ideias de Mariazinha Fusari, o projeto aqui reportado possibilita trânsitos entre processos de construções e interpretações visuais. A videoaula, fundamentada nos princípios da educomunicação e do ensino de artes, mostra-se como estratégia eficiente para ampliar os espaços de diálogo com os estudantes, as escolas, promovendo aprendizagens mais significativas para as crianças.

## Referências

ART ATTACK. *Programa de televisão infantil Britânico*. 1990.

BACCEGA, Maria Aparecida. Educação, máquinas e redes, cinema, vídeo e televisão, ensino e arte. *Revista USP*, São Paulo, Escola de Comunicação e Artes/USP, n. 25, 2002.

BARBOSA, Ana Mãe. *A imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Orgs). *Mídias digitais: Convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BERTOLETTI, Andréa. *Tecnologias digitais e o ensino da arte: algumas reflexões*. V Ciclo de Investigações do PPGAV. Florianópolis: Udesc, 2010.

CASTELO RÁ-TIM-BUM. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_R%C3%A1-Tim-Bum](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_R%C3%A1-Tim-Bum)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

COSTA, Adriane C.; MARTINS, Alice F. O Cinema como mediador na Educação da Cultura Visual. *Revista Visualidades*. Goiânia, FAV/UFG, v. 1, 2012.

COUTINHO, Laura Maria. *O estúdio de televisão e a educação da memória*. Brasília: Editora Ltda, 2003.

ESCOLART – *Videoaula da flor*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCvYe2ji5Z3otl\\_W-HdqnLhA](https://www.youtube.com/channel/UCvYe2ji5Z3otl_W-HdqnLhA)>. Acesso em: 04 maio 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MARTINS, Alice Fátima. Becos e trânsitos entre escola e cinema. In MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Pedagogias culturais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2014.

MARTINS, Alice Fátima. Etnografia na educação: Reflexões sobre a metodologia em pesquisa no âmbito do ensino fundamental. *Linhas Críticas*, v. 3, n. 3-4, 1997.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Educação da cultura visual: aprender, pesquisar, ensinar*. Santa Maria: EUFSM, 2015.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; MARTINS, Alice Fátima. Entre subjetividades e aparatos pedagógicos: o que nos move a aprender? *Revista Visualidades*, Goiânia, FAV/UFG, v. 11, 2013.

MISTER MAKER. *Programa de televisão infantil britânico*. 2008.

MORAN, José Manoel. Aperfeiçoando os modelos de EAD existentes na formação de professores. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 32, n. 3, 2009.

PENTEADO, Heloisa Dupas. Comunicação/educação/arte: a contribuição de Mariazinha Fusari. In: *Caminhos da Educomunicação*. Cadernos de Educomunicação. São Paulo. Salesiana, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

VISCONTI, Eliseu. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliseu\\_Visconti](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliseu_Visconti)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

.....

Recebido em: 13 maio 2016.

Aceito em: 19 jul. 2016.